

ESCONDIDAS PELA VIDA

uma passagem por histórias de prostitutas após os 40 anos

Por Diane Nascimento

Cida* acorda todos os dias na Vila Brasilândia, bairro da Zona Norte de São Paulo, toma um ônibus até a Avenida Duque de Caxias que tem o destino o Parque da Luz, na região central. Todo este percurso dura pouco mais de uma hora e essa rotina faz parte da vida dela há exatos 22 anos. De terça a domingo, pois o parque não abre às segundas.

— Eu cheguei, entrei, vi o parque, entrei e sentei, fiquei sentada. Aí chegava um e me convidava pra fazer um programa. A gente não tá acostumada e você fica meio “receiosa”. Coisas assim eu não sabia nem o que era, entendeu? E eu falava assim: ‘Gente como é que eu vou deitar com uma pessoa que eu nem conheço, que eu acabei de conhecer? Não dá.

Com seus experientes 59 anos, a senhora fica próxima aos portões principais - aquele em frente a Estação da Luz. Moldada pelas muitas rugas no rosto, um casaco vermelho com todos os botões fechados e um pontinho verde: brinco que se torna perceptível quando ela prende os cabelos curtos e grisalhos num rabo de cavalo baixo. Quem visita o local, pode encontrá-la sempre conversando com outras meninas no parque ou fazendo palavras cruzadas, um dos seus passatempos favoritos, enquanto espera o próximo cliente chegar.

— E sempre aqui [Parque da Luz]?
— Sempre aqui no parque, sempre aqui no parque.

No banco da praça as mulheres dali procuram, principalmente dinheiro para sustento da família. Com a renda que recebe, o que gira em torno de duas notas de vinte reais por programa, Cida consegue retirar mensalmente a quantia de R\$1.200. E, no final do mês, esse dinheiro possui finalidades muito bem definidas: luz, telefone e cartão. Atualmente, a renda familiar vem só dela, pois um dos filhos mora com ela e está desempregado.

— Mas agora ele não tá mais fazendo nada né... Ta esperando pra ver.

**Para segurança, todos os nomes das personagens foram alterados. Além disso, os erros de pronúncia foram mantidos nos relatos.*

PARTE I - QUEM ELAS SÃO

— Não precisa me chamar de senhora não (risos).
— E eu posso colocar o seu nome na matéria mesmo ou prefere que eu esconda?
— Ai eu preferia que escondesse...
— Tem algum nome que a senhora gostaria de usar?

— *Pode ser Cida.*

Bagaxa, vulgívaga, tolerada, rascoeira, rascoa, pécora, mulher pública, mulher perdida, mulher da vida, mulher da rua, marafona, garota de programa, cocote, amásia, messalina, cortesã, rameira, meretriz, rapariga, dama, concubina. Mesmo com todos estes termos, as profissionais mais velhas enxergam as suas realidades na prostituição como um trabalho que garante o seu ganha pão.

Essa forma de conseguir dinheiro é o dia a dia de cerca de 40 milhões de pessoas em todo o mundo, de acordo com a organização francesa Fondation Scelles. No relatório divulgado em 2012, a situação de prostituição atinge em sua maioria mulheres com idades entre 13 e 25 anos.

Histórico

A prostituição é conhecida por ser a profissão mais antiga do mundo. Os primeiros registros são de Aspásia (470-410 a.C.), datados do tempo da Grécia Antiga, na região de Mileto. Se fosse nos dias de hoje, ela seria uma espécie de cafetina, já que o seu trabalho consistia em recrutar meninas para satisfazer os desejos de seu filho Péricles.

No decorrer dos séculos, a prostituição foi mascarada e só no século XIX houve mudanças notórias na causa. Uma das personalidades as influentes é a estadunidense Margot St. James. Ela é conhecida por ser uma das prostitutas pioneiras que se manifestou abertamente a respeito dos direitos dos profissionais do sexo. Em 1973, a moça de cabelos curtos, com apenas 37 anos fundou na cidade de São Francisco a *COYOTE*, sigla de "Call Off Your Old Tired Ethics" ("Acabe com a sua velha ética").

A *COYOTE* funcionava como uma organização de profissionais do sexo, artistas, jornalistas, advogados, intelectuais, trabalhadores sociais e políticos e tinha principal objetivo criar uma consciência política nacional sobre os abusos ocasionados pelo Estado e da polícia contra as prostitutas.

“Punir a prostituta promove a violação de todas as mulheres. Quando a prostituição é considerada um crime, a mensagem informada é que essas mulheres [prostitutas] são ruins e, portanto, legítimas vítimas de assédio sexual. Sexo se torna uma arma para ser usada por eles”. Margot St.James

Trecho original: *“Punishing the prostitute promotes the rape off all women. When prostitution is a crime, the message conveyed is that women who are sexual are bad, and therefore legitimate victims of sexual assault. Sex becomes weapon to be used by them”.*

A prostituição é um sistema que tem dois caminhos: ou visa à exploração através das casas (bordéis, casas de massagem e cinemas especializados em filmes pornográficos) ou que se configura como um trabalho formal autônomo. De acordo com a classificação Brasileira de Ocupações, oferecida através do Portal do Ministério do Trabalho, as profissionais do sexo ocupam o título de número 5198-05. Em sua descrição, são pessoas que “Buscam programas sexuais; atendem e acompanham clientes; participam em

ações educativas no campo da sexualidade. As atividades são exercidas seguindo normas e procedimentos que minimizam a vulnerabilidades da profissão”.

Assim como acontece com muitas de suas colegas de banco, o trabalho de Cida na prostituição é a sua única fonte de renda.

— Então eu digo assim que to trabalhando “por mês” [empregada doméstica mensalista] quando a situação aperta. Quando a situação tá melhor eu digo que trabalho por dia. Só que eu tenho que sair cedo todos os dias de casa né... Uma ou outra vez eu fico em casa. Digo assim: “Ah a mulher falou que não era pra eu ir hoje”, uma coisa assim sabe... entendeu... mas e assim vai indo, parado do jeito que tá. A gente vai tentando tocar a vida do jeito que pode.

— E a senhora faz outra coisa...

— Não, não. Não faço nada. Dependendo disso daqui.

— E consegue se manter?

— Consigo. Muito apertado, mas consigo.

Essas mulheres dedicam anos e até mesmo décadas à profissão, disputando pontos muito específicos. Na cidade de São Paulo, por exemplo, locais na região central como República, Parque da Luz, Praça da Sé, e em também em localidades específicas, como é o caso das ruas Barão de Limeira e a das Andradas. E todos que tem a sua rotina estabelecida nessas regiões sabem bem o que acontece por ali.

No Jardim da Luz, taxistas que têm os seus pontos localizados numa das calçadas do Parque da Luz informam a respeito do prédio vermelho de nove andares conhecido como o 69, localizado na Rua das Andradas. “É perto daquele redondo!”, ilustra um senhor bigodudo que se sentava entre os cinco taxistas que estavam ali. E são eles que dão a informação mais importante: o Parque da Luz funciona como um grande ponto compartilhado. De terça a domingo (menos de segunda pois o local é fechado para limpeza e manutenção) é onde mulheres mais velhas encontram, de forma discreta mas não imperceptível, os seus clientes.

— Quando eu comecei a vir aqui, menina eu ganhei dinheiro viu... Nossa! Num final de semana assim num sábado e domingo eu saia daqui com R\$1.200, R\$1.500 reais no bolso.

— Quantos programas por dia a senhora conseguia, mais ou menos?

— Ah! Eu fazia um monte. Tinha dia que até quando eu ia embora os homens ficavam me chamando lá na porta do metrô e eu não aguentava não, ia embora. Mas hoje não. Não sei porquê... Sei lá, o desemprego. Hoje a gente ainda trabalha, mas no início que eu comecei a trabalhar aqui eu ganhava dinheiro.

Com um sotaque arretado na ponta da língua, a paraibana Simone trabalha no parque há 20 anos. Hoje com 61 anos, completos em 11 de agosto, a mulher que fica perto da trilha que liga uma ponta a outra do parque, quase se deixa enganar pela idade, já que nem os clientes dela acreditam na quantidade de anos vividos.

Vaidosa, as rugas no rosto são muito bem escondidas por uma quantidade considerável de maquiagem, que equivale a base, lápis de olho, que ressalta a vividez da íris com cor

de azeitona, e um batom rosa bem claro. Além da produção, as vestimentas também se destacam elegantemente. Abaixo da blusa de frio preta é revelada uma outra peça, mas desta vez com caveiras brancas em tecido vermelho. Ambas ressaltam o cabelo comprido marrom que, se bem observados, exibem alguns fios brancos.

- E filhos? Família?
- Seis, eu tenho quatro meninas e dois meninos. Mas já tão tudo criado já.
- São todos mais velhos?
- É, minha caçula já tem 21 anos.
- E ninguém sabe?
- Não... Ave Maria! Eu tenho duas filhas crentes, batizadas na igreja. Se elas descobrirem eu to perdida.

Nascida em Sousa, município localizado a 438 quilômetros a oeste da capital paraibana, Simone tem uma rotina que se repete desde quando a sua filha caçula tinha um ano. O percurso consiste em sair da sua casa, no bairro da Vila Formosa, região leste da cidade de São Paulo, passar pelas catracas do ônibus e da estação de Praça da Sé, da linha vermelha do metrô, até descer ali no parque. Isso tudo resulta em cerca de duas horas diárias para chegar ao seu trabalho. Todo este trajeto é feito de terça a sábado, sempre no período da tarde, a partir das 13h.

Assim como grande parcela das mulheres dali, Simone conta que os seus familiares acreditam que ela tenha um trabalho formal como diarista, igualmente como consta em sua carteira de trabalho. Ao longo da sua vida, exerceu diversas atividades, sendo o último realizado até os seus cinquenta anos. Depois disso, passou a trabalhar apenas no parque.

- E quanto é o programa?
- Cada programa? Ah, R\$ 40, R\$50 a hora.
- E por mês a senhora consegue tirar quanto?
- Hmm... Mais de R\$ 1.000. Acho que R\$1.200, R\$1.300. Nessa faixa aí.

Com o valor, Simone arrecada o suficiente para pagar contas de água, luz, internet e telefone residencial. O aluguel da sua casa fica por responsabilidade das duas filhas e do genro, todos morando numa mesma casa. Além deles, Simone ainda tem uma neta de quase um ano.

Avó e mãe, a nordestina narra que teve três filhos do primeiro casamento e três do segundo. Quando casou-se pela primeira vez, na época tinha apenas 17 anos e o seu ex-marido 18. Mais tarde, separou-se e veio morar em São Paulo, aonde conheceu o seu segundo companheiro. Anos depois, pela segunda vez se viu sozinha e com todos os seis filhos para criar, inclusive uma de um ano. E foi aí que Simone iniciou a sua trajetória nos bancos do parque. E, no entanto, até hoje todos os seus familiares desconhecem a segunda vida que ela tem na região da Luz.

- Eu falo que sou diarista, porque eu sempre chego com dinheiro, todo dia chego com as minhas coisas, aí eu tenho que falar isso pras minhas filhas pra elas não desconfiar.

Aí tipo assim eu sempre me vesti assim [...] Do jeito que eu saio de casa, desse jeito aqui assim, eu continuo pra não dar na pista. Por causa das minhas filhas.

Assim como Simone, a família é um dos assuntos mais recorrentes ao querer saber mais sobre essas mulheres. Isso porque, mesmo levando diariamente (nos dias bons), dinheiro até as suas casas, as prostitutas devem alterar a imagem de si próprias e manter, por anos, uma vida dupla amplamente mascarada. Filhos, maridos, namorados e familiares desconhecem toda essa rotina.

Perto do local em que Simone fica, a prostituta Roberta pode ser encontrada pouco depois de um das fontes centrais do parque, que no momento se encontra sem água. Dona de cabelos muito loiros e de um sotaque gaúcho único, ela conversa com um senhor, de aparentemente 50 anos. Minutos depois, ele se levanta do banco sem nenhuma despedida e se locomove em direção à saída do parque. Um ou dois minutos depois, Roberta segue os seus passos.

Enquanto isso, Cida conversa com uma outra prostituta, de nome Matilde, conhecida também por cuidar dos gatos que circulam o local. Cerca de quarenta minutos depois, Roberta retorna, sozinha. Tinha, então conseguido um dos primeiros programas do dia.

Roberta tem características muito destoantes das demais colegas. Filha de um alemão e de uma polonesa, já morou fora do Brasil e arranha quatro idiomas diferentes. Hoje, o seu maior sonho é poder finalizar a construção de uma casa, lá no Rio Grande de Sul, para morar com o seu casal de filhos. Inclusive, boa parte do dinheiro conseguido no parque ela utiliza para atingir este objetivo.

Outra característica que difere Roberta das demais é que frequenta o local um dia sim e outro não. Esse revezamento acontece pois nos dias em que não está nos bancos é porque ela também trabalha como segurança em uma empresa. Além da sua rotina nos dois empregos, Roberta também frequenta mesquitas religiosas e participa de festas tradicionais de bairros. Por ter muitos amigos e ser conhecida por causa dessas participações em comemorações, Roberta conta que tem medo de ser reconhecida ali na região (certa vez, um cliente a identificou numa matéria de uma emissora de TV aberta, no qual foi gravada sem a autorização).

Uma das maneiras que ela encontrou para conciliar as suas vidas pessoal e profissional, é administrar duas contas no Facebook: uma para a família e amigos e outra para conhecer possíveis clientes por meio de grupos fechados. Pelas redes, Roberta também namora um rapaz a distância. Ele, assim como os filhos e amigos de Roberta, não faz ideia da outra vida que ela esconde.

PARTE II – 2 LADOS

- "Mas aí confiando em Deus, vou começar a receber esse benefício [INSS] e aí eu não pretendo ficar aqui não. Até porque eu já to com 65 anos e não tem mais nem lógica. Mas aqui tem senhora de 70, quase 80. Só que eu não pretendo não. Vou me cuidar mais,

vou descansar, ficar cuidando dos netos, sabe? Vou cuidar da minha casa. Porque... É muito cansativa essa vida”, conta Simone, em tom de desabafo.

Até hoje, não há um consenso de que se deve ou não combater a prostituição. Neste cenário, o antropólogo professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Thaddeus Blanchette é preciso ao analisar o panorama da profissão. “Não existe um cenário no Brasil: existem inúmeros, que são bastante diversos. É impossível qualificar a prostituição como campo unificado, uma vez que inclui tais extremas como mulheres da alta burguesia que casam por dinheiro, modelos que cobram cachês de dezenas de milhares de reais, e crianças que trocam sexo por um prato de comida”, dispara.

Contrários

Segundo a organização francesa Fondation Scelles, uma das mais expoentes fundações contra a regulamentação da profissão, “a prostituição tem múltiplas faces: são vítimas de exploração e redes, mães em situação precária, jovens estudantes, crianças, homens, que se prostituem na rua, na internet, em bares, saunas ou casas de massagem, ao lado das rodovias. As circunstâncias são diversas. No entanto, não importa o contexto político, econômico ou cultural, todos eles estão ligados a um fenômeno: a exploração sexual. De Paris a Nova York, de Calcutá a Marrakech, de Kiev a Bangcoc, é a mesma realidade e as mesmas ameaças que estão em jogo”.

E os números são tão gigantescos quanto as próprias possibilidades que motivam o ato da prostituição. De acordo com uma pesquisa publicada em 2016 pela organização, revelou-se que, após análise de diferentes fontes de informação, a prostituição engloba cerca de 30 milhões de pessoas em todo o mundo (principalmente mulheres e crianças) e acumula aproximadamente 325 bilhões de dólares (quase 300 bilhões de euros) anualmente.

Um dos episódios mundiais recentes mais conhecidos da causa foi a manifestação pública da então ministra dos Direitos das Mulheres e porta-voz do governo da França, Najat Vallaud-Belkacem. Em julho de 2012, anunciou abertamente que “A questão não é a de saber se queremos abolir a prostituição: a resposta é ‘sim’. Mas temos de nos dar os meios de fazê-lo. Meu desejo, assim como o do Partido Socialista, é o de ver a prostituição desaparecer”.

Pela lei francesa, em vigor desde 2013, a prostituição em si continua legal na França, exploração da prostituição se mantém como crime. Mas, pela primeira vez, pagar para ter sexo passou a ter punição. As multas giram em torno de pelo menos 1,5 mil euros (R\$ 4,9 mil) para os eventuais clientes.

Este é um exemplo de como a prostituição deixou de ser um tabu para conquistar o posto de estigma. “Desde o desenvolvimento da civilização, a capacidade sexual/afetiva da mulher foi comodificada como bem, cujo dono 'natural' é a família e, em última instância, o pai. A mulher que vende sexo está declarando que seu corpo e sua sexualidade não pertence à família. Isto é incrivelmente radical para a sociedade patriarcal”, explica Blanchette. “A única resposta para esse dilema é direcionar muita violência contra essa mulher ‘desnaturada’. Ela tem que ser considerada como ser

abjeto, contra qual toda mão é levantada. Caso contrário, não tem nenhuma resposta a pergunta: - 'Por que que as mulheres devem obedecer os homens?' A resposta sendo 'Porque se não obedece, os homens vão estuprar, bater, e matar'. A sociedade patriarcal afirma, faz 5.000 anos, que a 'boa moça', que se dedica ao seu macho e a sua família, vai ser protegida. Para isto funcionar, tem que ter uma Outra abjeta, que serve como lição. Essa Outra é a puta", completa.

Favoráveis

Entretanto há o viés daquelas que optaram, de alguma forma, pela prostituição. Como foi o caso de Gabriela Leite (1951-2013), fundadora da ONG Davida. A luta se iniciou em 1970 após uma repressão a prostitutas e travestis que trabalhavam na região conhecida genuinamente como "Boca do Lixo", formado pela rua Aurora e pelas avenidas São João, Ipiranga e Rio Branco, na região central de São Paulo. O então delegado Wilson Richetti gerou essa onda de violência que resultou na morte de uma transexual e uma grávida.

Então, em 1979, prostitutas, transexuais e simpatizantes realizaram uma passeata pelo próprio centro de São Paulo. Com a repercussão, o governo afastou o delegado e ficou visível que era possível começar movimentos que gerassem conquistas, principalmente de visibilidade a fim de resultar em denúncias dos episódios de violência.

Em consequência, em 1987 foi organizado o I Encontro Nacional de Prostitutas, na cidade do Rio de Janeiro. Com apoio de diversas pessoas da sociedade civil como artistas, advogados, jornalistas, dentre outros e com a presença da prostituta ativista Gabriela Leite, foi declarada a formação da Rede Nacional de Prostitutas, com a sede também no Rio de Janeiro, interligada com a organização não-governamental Davida - Prostituição, Direitos Civis, Saúde. A partir da rede foram criadas associações com o intuito de criar ações que erradiquem a violência, instituir programas voltados para a saúde e também a luta pela dignidade das mulheres prostitutas. A primeira, criada em 1988, é conhecida como Associação da Vila Mimososa (RJ) e hoje ocupam quase todo território nacional, totalizando com cerca de catorze associações.

Ao longo dos anos, outras organizações foram se consolidando, como é o caso da GEMPAC - Grupo de Mulheres Prostitutas da Área Central de Belém do Pará. Fundada também em 1990, é conhecida por promover encontros locais e congresso estadual. Sua presidente é Maria de Lourdes Barreto, 77 anos de idade, 35 anos de prostituição. Dentre os projetos, há cursos profissionalizantes para meninas e prostitutas mais velhas, projeto de prevenção às DST/AIDS.

PARTE III – REGULAMENTAR

Em 2012, foi protocolado o projeto de Lei Gabriela Leite, pelo então Deputado Federal Jean Wyllis. A Lei 4211/2012 propõe uma garantia referente aos direitos da ocupação, mediante o seguimento de regras, como ser maior de 18 anos e que voluntariamente exerça as funções. Além disso, o documento estipula no Art. 2º as definições de exploração sexual.

Com essa regulamentação, haveria interferências significativas em como a prostituição é vista. “Espera-se que a regulamentação diminua o estigma referente a atividade e dê recursos para que as pessoas que a exerce podem lutar juridicamente contra os abusos mais brandos”, explica o antropólogo Blanchete. “O principal benefício é que permitiria as prostitutas lutarem para benefícios sociais e trabalhistas. Um efeito negativo possível seria a capitalização da prostituição”, finaliza destacando os efeitos que essa Lei teria no cotidiano da profissão.

Art. 2º - É vedada a prática de exploração sexual.
Parágrafo único: São espécies de exploração sexual, além de outras estipuladas em legislação específica
I- apropriação total ou maior que 50% do rendimento de prestação de serviço sexual por terceiro;
II- o não pagamento pelo serviço sexual contratado;
III- forçar alguém a praticar prostituição mediante grave ameaça ou violência.
Outro parágrafo que merece destaque seria o Art. 5º, onde a/o profissional do sexo passa a ter direito a aposentadoria especial de 25 anos, nos termos do artigo 57 da Lei 8.213, de 24 de julho de 1991.

A proposta abriu espaços para, mais uma vez, trazer o tema a tona. Isso porque regulamentar significaria reduzir os riscos que a atividade enfrenta na execução do seu trabalho. Além disso, promoveria uma efetiva separação entre o que é prostituir-se e o que é ser explorada sexualmente.

No cenário atual, por sua vez, Simone não vê vantagens em fazer parte de uma casa de prostituição. Na década de 1990, ela foi apresentada ao parque por meio de uma amiga, que hoje é dona de uma casa. Constantemente, ela chama Simone para trabalharem juntas, mas a paraibana sempre recusa a proposta.

— Ela é cafetina de uma casa. Só que ela, tipo assim... Ela me chamou e eu não fui porque pra gente trabalhar nessas casas a gente tem que dividir meio a meio. Só quem ganha são as donas da casa.

— A senhora nunca foi...?

— (Simone responde com um som de negação). Aqui [no Parque da Luz] se eu ganho 40, é todo meu [...] Às vezes ela [a cafetina] me liga e me chama e eu falo não, porque o que eu ganho aqui é meu. Não tenho que dividir com ninguém. E eu acho que é o certo. Não é justo eu trabalhar e ter que dividir com alguém.

A partir do projeto, Simone e outras prostitutas passam a ter direitos garantidos, como de previdência social, auxílio da justiça para remuneração dos serviços prestados e também adquirem direitos de segurança e saúde.

Por outro lado, quem trabalha nestas casas possuem uma espécie de proteção dos cafetões, o que se tona um "benefício" se comparado a quem se prostitui nas ruas. Entretanto, um dos motivos para as mulheres mais velhas se prostituírem no Parque da Luz é a constante presença de guardas e de rondas policiais.

O Projeto de Lei visa proteger os prostituídos também da exploração sexual, pois hoje não há uma distinção entre o que é um e o que é o outro. Um dos exemplos mais recorrentes é utilizar-se a expressão "prostituição infantil", quando na verdade o correto é "exploração infantil", visto que as crianças são obrigadas a realizar este trabalho forçado. "Enfrentar esse mal significa regulamentar a prática de prostituição e tipificar a exploração sexual para que esta sim seja punida e prevenida", declaram-se as linhas do projeto.

PARTE IV – SAÚDE

— *E a senhora participa de algum programa de acolhimento, de saúde pra você verificar questão de DSTs... Tem esse acompanhamento?*

— *Ah tipo assim, médico? — questiona Simone. — Eu passo... passo. Todo ano eu faço exame de AIDS, sífilis, Hepatite A, Hepatite B... Eu sou uma pessoa muito limpa, muito cuidadosa, entendeu?*

Segundo boletim epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde publicado no ano passado, a prevalência de HIV em prostitutas foi de 5,3% e a de sífilis de 8,4%. O Boletim Epidemiológico HIV/Aids do Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais, da Secretaria de Vigilância em Saúde, do Ministério da Saúde (DIAHV/SVS/MS), publicado anualmente, apresenta informações e análises sobre os casos de HIV/aids no Brasil, regiões, estados e capitais, de acordo com os principais indicadores epidemiológicos e operacionais estabelecidos.

Uma das medidas governamentais adotadas foram publicações voltadas para os profissionais do sexo. Assim, por meio de divulgação de cartilhas e manuais explicativos, bem como criações de políticas públicas são as ferramentas formuladas para gerar conscientização e assim prevenir doenças, principalmente as sexualmente transmissíveis.

É o caso da campanha "Sem vergonha, garota. Você tem profissão", uma das medidas pioneiras lançada em 2002. Esta almejava desenvolver a autoestima e a cidadania das prostitutas como forma de mobilizá-las para a promoção da saúde. O título dessa campanha reflete uma aceitação por parte de setores do governo no sentido do reconhecimento da atividade exercida por prostitutas como profissão. Tanto que foi nesse momento que a profissão foi incluída na CBO, já citada anteriormente.

O manual da campanha traz um referencial que analisa o histórico das primeiras pesquisas sobre as enfermidades. Na cartilha, mostra-se que os estudos eram feitos por médicos de métodos higienistas, realizadas em meados das primeiras décadas do século XIX e que visavam sobretudo preservar a saúde familiar. Isso se refletia numa estrutura moralista: ser prostituta significava desconstruir os valores da família tradicional brasileira. Por causa disso, entre os métodos para se combater doenças venéreas estava incluso eliminar a prostituição.

Anos mais tarde da realização dos estudos, surgem os casos de HIV, sendo o pico de incidência atingido nos anos 1990. Mais uma vez, atrelou-se às prostitutas como uma das disseminadoras da doença, estigmatizando-se ainda mais a profissão.

Das campanhas surgiram então as cartilhas. De forma mais didática, elas funcionam como um breve roteiro de medidas e informações para o cotidiano. Como, por exemplo, os riscos de infecções de doenças, dicas de maquiagem, o uso correto de métodos anticoncepcionais, como realizar o auto-exame para localização de um possível câncer de mama e até, informações sobre estupro, abuso sexual e medidas de segurança da prostituta compõem as primeiras páginas da cartilha “Maria Sem Vergonha”.

Uma das maneiras mais eficazes de se combater a proliferação de doenças sexualmente transmissíveis é a distribuição dessas medidas para as prostitutas. Assim, com esse acesso Simone e a suas colegas de profissão conseguem ter mais conscientização e por sua vez, tem acesso à prevenção.

— Então às vezes quando acontece assim que nem todos são cuidadoso né, usa a camisinha do hotel. Quando acontece de estourar ou alguma coisa assim, eu já vou correndo fazer os exames e graças a Deus não dá nada não. Apesar que eu não uso muito essas camisinhas de posto. Eu uso mais as compradas. Meus clientes não gostam e eu não gosto do cheiro dessas camisinhas. Tem um cheiro muito irritante.

— Então a senhora nunca teve nada?

— A minha médica, Dra. Marli, fala que pra eu ter a idade que eu tenho, nunca viu uma pessoa pra ter tanta saúde igual eu. Vejo as minhas filhas novinha, a minha caçulinha que tem 21 anos: “ah to com uma cólica, to com isso, to com aquilo”. Mas eu não tenho problema nenhum. Eu sou muito sadia, mas também porque eu me cuido bastante. Tipo assim, eu não faço oral sem camisinha, eu não faço nada sem camisinha. E todos os meus clientes são muito limpos. A maioria são casados, então...

Ali no Parque, é comum a presença de homens muito mais velhos como clientes. Tanto Roberta quanto Simone afirmam que a clientela é de senhores por volta dos 50 anos, casados que buscam uma outra companhia e viúvos que procuram suprir a solidão. Além disso, é muito comum elas se tornarem amigos dos clientes, pois ambos tm este “segredo compartilhado”

PARTE V - FINAL

— *E a senhora já pensou em fazer outra coisa? Estudar alguma coisa?*

— *Olha, eu já não tenho mais cabeça pra estudar. Se fosse mais nova talvez poderia fazer alguma coisa. Mas hoje já não.*

— *O que a senhora pensava em estudar?*

— *Olha eu não sei, estudar alguma coisa, não sei. Mas hoje pra mim já não dá. Cabeça já não funciona muito pro estudo e pra vida que eu tenho aqui. — Cida responde, pensativa.*

Cida tem a sua motivação para trabalhar devido às dificuldades que teve que driblar durante diferentes etapas da vida. Hoje com o filho desempregado, ela tinha uma recorrente dificuldade em arranjar um emprego formalizado. No começo da sua prostituição, conheceu uma pessoa e que até hoje a ajuda com despesas. São 35 anos de encontros que fazem com que ela consiga arcar com os gastos.

No entanto, seus clientes são sempre homens mais velhos. Com uma fala mansa, Cida tem uma virtude que algumas pessoas tendem a criar ao longo da vida: a paciência. E isso se reflete inclusive nos programas que ela faz.

— Aí quando eu saio com alguém que eu não conheço, eu pergunto como a pessoa gosta, como a pessoa quer, como é que eu posso ajudar a pessoa. E assim a minha vidinha vai indo. Saio de casa, meus filhos não sabem o que eu faço, venho pra cá, passo o dia aqui e às vezes acontece de fazer alguma coisa e pode acontecer de não fazer nada. Entendeu?